

A Classe Operária

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL



ANO 64 — VI FASE — Nº 11 — DE 26 DE JANEIRO A 8 DE FEVEREIRO DE 1989

NCZ\$ 0,40

A nau dos insensatos



A conjuntura política brasileira guia-se por rumos que podem levar ao imprevisível, desde o último dia 15. Atônito diante do fracasso de seu modelo econômico e assustado com o rápido crescimento das forças de esquerda o governo Sarney tenta impor, com o apoio de todos os líderes e teóricos da grande burguesia, um pacote de medidas que conduzem ao arrocho dos salários, à recessão profunda, ao arruinamento do Tesouro e à desnacionalização brutal da economia.

A "Classe Operária" publica nesta edição um encarte especial de 12 páginas sobre o assunto. Analisamos um por um os aspectos principais do "Plano Verão", para mostrar quem perde e quem ganha com eles. Discutimos as causas fundamentais da inflação brasileira, e demonstramos que o pacote não as atinge. E sugerimos uma ampla mobilização popular e sindical para derrotar as medidas no Congresso e iniciar a luta por mudanças profundas na economia, capazes de enfrentar a crise.

Neste número:
Suplemento Especial
sobre o "Plano de Verão"

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

A CLASSE OPERÁRIA

Diretor e Jornalista responsável: João Amazonas

Editor: José Reinaldo Carvalho

Redação: Antônio Martins, Carlos Pompe, Umberto Martins

Diagramação e Arte: Mazé Lopes Leite

Fotografia: Aguinaldo Zordevoni

Arquivo: Rute Imanishi Rodrigues

Administração e Assinaturas: Jeosafá Gonçalves

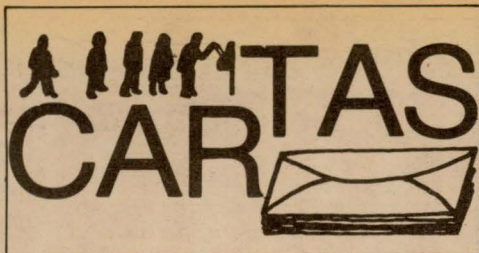
Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 Bela Vista — CEP 01318 — S. Paulo/SP

Telefone: (011) 36-7531

Telex: 11-32133

Nas capitais: ACRE — Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS — Av. Thomás Espindola, 314, CEP 57060, fone (082) 223-7128, Maceió; AMAPÁ — Av. Mendonça Furtado, 762, CEP 68900, fone (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS — Rua Itamaracá, 124, CEP 69007, Manaus; BAHIA — Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ — Rua São Paulo, 1037, CEP 60000, fone (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL — HIGS — 704, Bloco G Casa 67, CEP 70302, fone (061) 225-8202, Brasília; ESPÍRITO SANTO — Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone (027) 222-8162, Vitória; GOIÁS — Av. Alfredo Nasser, 356, CEP 74000, fone (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO — Rua Osvaldo Cruz, 921, CEP 65000, fone (098) 221-5440, São Luiz; MATO GROSSO — Rua Comandante Costa, 548 fundos, CEP 78030, fone (065) 321-7908, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL — Rua Rui Barbosa, 2500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS — Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARÁ — Rua Manoel Barata, 993, CEP 66800 fone (091) 223-8911, Belém; PARAÍBA — Praça 1817, 80, 2º andar, CEP 58020, João Pessoa; PARANÁ — Rua Dr. Pedrosa, 249, CEP 80420, fone (041) 222-9120, Curitiba; PERNAMBUCO — Rua do Sossego, 53, CEP 50750, fone (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ — Rua Desemb. Freitas, 1216, CEP 64020, fone (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO — Rua 13 de Maio, 33, 16º andar, sala 1608, CEP 20031, fone (021) 252-9935, Rio de Janeiro; RIO GRANDE DO NORTE — Rua Prof. Zuzza, 99, CEP 59020, fone (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL — Rua Santo Antônio, 254, CEP 90220, fone (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA — Rua José Bonifácio, 787, fundos, CEP 78900, Porto Velho; RORAIMA — Rua Major Willians, 434, CEP 69300, Boa Vista; SERGIPE — Rua Itabaianinha, 145, sala 104, CEP 49010, Aracaju; SANTA CATARINA — Praça 15 de Novembro, 21, sala 703, CEP 88010, Florianópolis.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, pastup, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.



Saudações ao Vereador Comunista

Dos 16 vereadores comunistas eleitos na Bahia, há um destaque importante na região do Velho Chico. Trata-se do jovem agrônomo e ex-líder estudantil Sérgio Nogueira, que implantou o partido juntamente com o ex-assessor do executivo de Camaçari, o advogado Joelson Meira e outros líderes. Sérgio Nogueira foi eleito em terceiro lugar na contagem dos votos em Xique-Xique, sertão da Bahia, onde o latifúndio e a corrupção são predominantemente respaldados por representantes no Poder. Sérgio soube desmascarar com seu talento a consciência daqueles que eram comprados por “políticos”, engrandecendo assim seu espírito de luta.

Nos últimos tempos temos atingido um nível excelente na tomada de um grande curral eleitoral. Muitos eleitores dos políticos corruptos e mesmo aqueles que votaram pela primeira vez escolheram o nome de Sérgio Nogueira, depositando nele grande confiança e esperando um bom desempenho do seu mandato de vereador comunista.

Saudações ao trabalho do nosso companheiro Sérgio Nogueira, que nos representa na região do Baixo Médio São Francisco. (Joel Meira Júnior — Rio de Janeiro/RJ)

União, força e luta são nossas armas

O desrespeito à soberania nacional está no auge. Querem tomar tudo o que é nosso. O dragão devorador do suor do trabalhador está à espreita. Pretendem levar não o bolo inteiro e sim o país produtor, trazendo dramáticas conseqüências ao nosso povo e ao nosso desenvolvimento.

Vamos reagir, vamos dizer não a tudo isto. União, força e luta são a nossa arma. Nossos salários são reduzidos a pó e os nossos ordenados são meras esmolas, após meses e anos de trabalho. O monstro da inflação engole e aniquila o trabalhador. Nunca o momento foi tão propício para a luta, pois a miséria bate assustadoramente à nossa porta.

A luta é enorme, a necessidade é urgente. (Sebastião N. — leitor da “Classe Operária” em Sapopemba, São-Paulo/SP.)

Um espaço para o grito de rebeldia

Prezados Companheiros, Gostaríamos de saudar este órgão magnífico da imprensa brasileira, por ser este não apenas um jornal dirigido aos comunistas. É algo inovador, amplo, revolucionário, parcial nas análises políticas do dia-a-dia do nosso povo. É o que se encontra de mais avan-

çado. De formato ágil, de linguagem fácil e de conteúdo formidável. Parabéns!

Ótimo o tema apresentado na C.O. n.º 10 — “Nunca fomos tão brasileiros”. Acharmos oportuno este tema, principalmente porque, neste momento de angústia e abandono a juventude busca uma resposta para o seu pranto nesta “podridão” capitalista. E o “rock”, alvo de ataques de muitos, se tornou parte da cultura internacional e é o que abre, ainda que de forma limitada, um espaço para o grito de rebeldia e protesto dos jovens brasileiros sedentos de cultura, de arte e lazer. E principalmente de liberdade.

Bossa Nova, Tropicália, “Iê-Iê-Iê” etc., foram movimentos culturais, cuja importância na cultura nacional não se dispensa, mas que representaram toda uma descoberta daquelas gerações que obviamente colocavam para fora as mesmas angústias que hoje nós sofremos, mas que passaram, não estão mais de acordo com a nossa realidade.

Estamos à beira do Século XXI e as contradições capitalistas se aguçam, conseqüentemente nós enfrentamos mais de perto esta barra. Como dizer que o rock é febre de juventude, se ele existe há mais de 50 anos? Como dizer que a juventude está por fora, se ela compõe 50% da população brasileira? Neste momento tão delicado na vida do nosso país e de intensa disputa entre as próprias classes dominantes, é mais do que necessário se colocar no mundo dos jovens e ganhá-los para a causa revolucionária.

Sucesso para a “Classe Operária” e até breve. (Carlos Geovani, Alice e Miriam, estudantes secundaristas de Canoas-RS).

Livraria Vitória

Literatura

Aelita A. Tolstoi — 7,50
Ascensão: Vassil Kikov — 7,50
Insurreição — Liam O’Flaherty — 8,25
A Grande Conspiração — Michael Sayer e Albert E. Kahn — 4 vols. — 3,00
Papillon — Henri Charrière — 10,23
O Eterno Marido — Dostoievski — 5,70
O Jogador — Dostoievski — 5,92
O Vilarejo — Dostoievski — 3,50
Paixão de Sacco e Vanzetti — Howard Fast — 9,75
Quarup — Antonio Calado — 5,13
Sempre Viva — Antonio Calado — 6,80
A Mãe — Maximo Gorki — 10,50
Poder — Howard Fast — 7,50
Olga — Fernando Morais — 7,69
As Veias Abertas da América Latina — Eduardo Galeano — 7,85
Confesso que Vivi — Pablo Neruda — 8,43
Os Sete Pecados dos Pe-

quenos Burgueses — Bertold Brecht — 5,25
O Terror e a Miséria do 3.º Reich — Bertold Brecht — 2,73
Brecht — Poemas 1913-1956 — 7,42
Os Melhores Poemas — F. Gular — 3,60
Os Melhores Contos de Lima Barreto — 4,20
Memórias da Geração Urbana 9 Poesia — Clovis Geraldo — 1,00
No Outono a Poesia — Ed-

son R.R. Guilherme — 1,00
Dito Pelo Não Dito (Poesia) — João Paulo Neves Fernandes — 1,00
Eles não Usam Black-Tie — Gianfrancesco Guarnieri — 3,82
Operário em Construção — Vinícius de Moraes — 1,89
A Derrota — Alexandre Fadeiev — 9,75
Sombra de Reis Barbudos — José J. Veiga — 3,18
Charles Chaplin — A Vida, o Mito, os Filmes — José de Matos Cruz — 17,55
O Testamento de Sartre — 2,40
Jovem Guarda

Socialismo

O Socialismo na Albânia — Jaime Sautchuck — 3,52
Albânia, Horizonte Vermelho nos Balcãs — Luiz Manfredini — 4,15

Pedidos à:

Livraria Vitória
Rua Bororós, 51 — 1º andar — CEP 01320 — Liberdade — São Paulo/SP.
Atenção: estes preços estão sujeitos a novas alterações.

Assine já o seu jornal “A Classe Operária”
UM JORNAL PELO SOCIALISMO

Nome.....
Endereço.....
CEP..... Cidade..... Estado.....
Profissão.....

“A Classe Operária” custa muito pouco:

Assinatura trimestral: Cz\$ 2.400,00 Trimestral de apoio: Cz\$ 4.800,00

Assinatura semestral: Cz\$ 4.500,00; Semestral de apoio: Cz\$ 9.000,00

Preencha hoje mesmo este formulário e envie cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda. Fundação Maurício Grabois
Rua Adoniran Barbosa, 53 Bela Vista — Cep 01318 S. Paulo



“Pacote” antipopular e antinacional

Usando o velho método do arbítrio combinado com a demagogia e o catastrofismo, o governo Sarney editou no último dia 15 mais um “pacote” econômico, premido pela iminência de o país mergulhar na hiperinflação. O “plano verão” de Sarney, como apelidaram as últimas medidas econômicas, foi prontamente saudado pelos conservadores. Criou-se todo um clima de sinistrose, como se a política agora adotada fosse a única tábua de salvação para evitar que, por meio da desagregação econômica, se chegasse ao esgotamento da legalidade democrática. Sarney definiu ser necessário optar por “lágrimas” ou “sangue”, evidente sofisma para impor mais sacrifícios à nação.

O povo brasileiro recebeu o pacote de Sarney com ceticismo e descrença, porque não acredita no governo e sabe, pela dura experiência dos “pacotes” anteriores, que este não tem a mínima condição de solucionar qualquer problema de magnitude do país. A política econômica do governo Sarney tem sido uma sucessão de fracassos. Os “pacotes” antiinflacionários por ele baixados revelaram-se inconsistentes e seu corolário foi a manifestação de uma crise de gigantescas proporções. O próprio presidente e seus porta-vozes foram obrigados a reconhecer que é difícil o povo compreender e aceitar as medidas tomadas.

O “pacote de verão” nasce condenado. Traz na origem o estigma da ineficácia, porque não ataca as causas reais e estruturais da inflação, e da perversidade, pois nele fica explícito o duro archo dos salários. Ou seja, o governo quer “combater” a inflação sem atingir os interesses e privilégios dos poderosos, descarregando sobre as costas do povo o ônus da política antiinflacionária. Os trabalhadores, que mesmo com a reposição parcial assegurada anteriormente pela URP, já acumulavam perdas significativas, ficam de todo privados de recompor o seu poder aquisitivo.

O conjunto de medidas adotadas pelo governo, como demonstramos à exaustão na Nota do CC do PCdoB e no encarte dedicado à análise do “plano de verão”, serve aos exportadores, beneficiados com a desvalorização cambial, os banqueiros, cujos superlucros ficam protegidos e assegurados, os grandes empresários, que promoveram remarcações abusivas dos preços nos dias anteriores à edição do “pacote”, e o capital estrangeiro, beneficiário, em última instância, da aceleração do processo de privatização de empresas estatais. Deve-se frisar que o plano se inspira em receitas recomendadas pelo FMI.

O caráter recessivo do plano do governo, cuja palavra de ordem é “conter a demanda”, logo manifestará seus efeitos danosos sobre os trabalhadores e a imensa maioria da nação. O país, que há muito se encontra estagnado, poderá viver dias terríveis, de paralisação da atividade produtiva e desemprego em massa.

Com muita justeza, surge entre lideranças sindicais a idéia da greve geral contra o pacote. É que os trabalhadores não podem ficar parados assistindo passivamente à deterioração das suas condições de existência, à degradação da vida do país. O momento não é de perplexidade nem de vacilação, mas de luta contra o governo antipopular e antinacional.

Esta luta deve se refletir também no Congresso. Chegou a hora de o Legislativo demonstrar se é fiel ao mandato que recebeu e usará em favor dos interesses nacionais as prerrogativas que a nova Constituição lhe confere, ou se vai trair o povo, submetendo-se ao vergonhoso papel de cúmplice do governo na edição de medidas de lesa-pátria.

Dizer não ao pacote do governo e propugnar medidas econômicas e sociais, com caráter radical, que enfrentem corajosamente os problemas estruturais do país, é a única postura condizente com a gravidade do momento.

Bancada comunista votará contra o “pacote”

Aldo Arantes*

A bancada federal do PCdoB adotará uma posição radicalmente contrária ao “pacote de verão”. É um pacote que, além de não atacar as causas fundamentais da inflação, é recessivo e acarreta uma grave perda do poder aquisitivo dos trabalhadores. Através da desestatização de empresas, as medidas adotadas pelo governo abrem caminho para a desnacionalização da economia.

Ficou claro que o governo Sarney seguiu normas e determinações do FMI. Tanto assim, que alguns de seus inspiradores foram próceres da ditadura militar, como Otávio Gouveia de Bulhões e Mário Henrique Simonsen. Temos muito presente que a causa principal determinante da inflação são os elevados juros que o Brasil paga da dívida externa. Somente no ano passado, foram 13 bilhões e 500 milhões de dólares, o que repercute diretamente na dívida interna. Para se ter uma idéia da gravidade disso, o professor Lauro Campos da UnB num estudo feito recentemente comprovou que no ano passado o Brasil deve ter pago 50% dos recursos orçamentários da União com o pagamento de juros da dívida interna.

Toda a lógica deste “pacote”,

além de ser recessivo e antipopular, consiste em estimular a produção para a exportação, vinculada à contenção do consumo interno. Vê-se, com isso, que o “pacote” beneficia diretamente os exportadores.

Por outro lado, as altas taxas de juros beneficiarão os banqueiros, além de serem um forte fator inflacionário.

Nós consideramos que era necessária a adoção de medidas econômicas sérias e profundas no sentido de debelar a inflação. Mas não admitimos medidas econômicas que visem a “solucionar” o problema inflacionário às custas do sacrifício do povo e da nação.

Defendemos um plano que assegure os direitos do povo e ao mesmo tempo resguarde a soberania nacional. Para isso temos propostas concretas: o não-pagamento da dívida externa; o congelamento da dívida interna e das taxas de juros; a adoção de medidas contra os altos lucros e as grandes fortunas. É preciso tirar de quem já usufruiu deste modelo econômico, para estabilizar a economia.

*Líder da bancada do PCdoB na Câmara dos Deputados e membro da Direção Nacional

Constituintes estaduais podem obter conquistas

Jandira Feghali*

Embora limitado por pontos retrógrados consubstanciados na Constituição Federal, o processo constituinte que se inicia a nível estadual coloca a possibilidade de conquista de avanços importantes. Isto, sem dúvida, a despeito do que aconteceu em relação à Carta Magna, dependerá do nível de organização do movimento popular em cada Estado e da pressão efetiva que este movimento possa realizar. É preciso não esquecer que muitas Assembleias Legislativas são controladas por forças às quais não interessa o avanço das conquistas populares.

Dentre os pontos em que poderemos avançar neste processo merece destaque a questão orçamentária, o controle do Legislativo sobre as contas do Executivo e a dotação de verbas que permitam o atendimento das mais sentidas necessidades populares.

É também o momento de buscar a democratização das forças policiais, estabelecendo um novo conceito de segurança, desvinculado da idéia de repressão, e do para a garantia da ordem pública e da segurança dos cidadãos. Há um vasto espaço para

trabalhar em prol dos direitos da mulher e do negro, avançar no sentido de criar conselhos com a participação da comunidade e estabelecer penalidades contra todo tipo de discriminação.

Na garantia do meio ambiente ecologicamente equilibrado, devemos levar em conta as necessidades regionais, partindo de um zoneamento urbano e rural e efetivando medidas que garantam o controle da população sobre as questões ambientais.

Quanto à cultura, também há possibilidades de promover a democratização do setor, valorizando sobretudo as iniciativas populares.

Nos debates das Constituintes estaduais, os deputados eleitos pela legenda do PCdoB estarão prontos a apoiar as idéias e proposições progressistas, que se somarão às suas, tudo no sentido de ajudar a construção de Estados democráticos e autônomos, elaborando Constituições estaduais em consonância com os verdadeiros interesses do povo brasileiro.

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois (B-RJ) e membro da Direção Nacional.

Unidade popular para bater a reação

Foto: Edson Ruiz

A conclamação do PCdoB à unidade das forças democráticas e populares foi lançada em ato público no último dia 13 em São Paulo, com a presença de cerca de 400 pessoas na Assembléia Legislativa.

No próximo dia 31 o Manifesto do PCdoB será lançado em Belo Horizonte e dia 01 de fevereiro no Rio de Janeiro. A edição de n.º 10 da "Classe", que traz a íntegra do Manifesto, esgotou rapidamente e milhares de cópias do documento estão sendo distribuídas em tiragens avulsas feitas pelos Diretórios Regionais do partido em todo o país.

O ato público de São Paulo, além de contar com a presença de uma combativa militância do partido e do movimento popular e sindical da capital, foi prestigiado com a presença de personalidades destacadas dos meios políticos e culturais.

A Mesa, dirigida por João Amazonas, presidente nacional do Partido, foi formada por Luís Eduardo Greenhalg, vice-prefeito de São Paulo; José Dirceu, secretário-geral nacional do PT; Euzébio Rocha, da Executiva Nacional do PDT; Duarte Pereira, cientista político; Raimundo Pereira, jornalista; Jandira Feghali, deputada estadual (PCdoB-RJ); Edmilson Valentin, deputado federal (PCdoB-RJ); Sinoel Almeida, prefeito de Penápolis, SP, (PSB); e Olival Freire Jr., presidente do Diretório Regional do PCdoB em São Paulo.

Frente única popular

Depois da leitura do Manifesto, feita pelo vereador Aldo Rebelo (PCdoB-SP), João Amazonas fez uma intervenção política fundamentando as posições do partido e explicando as razões que levam os comunistas a proporem a frente única democrática e popular, multi-partidária e apoiada no movimento de massas, já no 1.º turno da eleição presidencial. Partindo da análise do resultado eleitoral de novembro de 1988, particularmente a vitória popular em São Paulo, Amazonas ressaltou que "a eleição de Luíza Erundina só foi possível por causa da união das forças populares".

Ao mesmo tempo o dirigente comunista salientou: "É ilusão pensar que a sucessão será uma batalha fácil. As classes dominantes detêm o poder e não são frágeis. É um engano subestimá-las. É errado também pensar que não é possível conquistar a vitória". O tema central da intervenção de Amazonas foi a frente única. "Nos grandes movimentos da história recente do país, luta pela anistia, campanha das diretas-já, campanha do candidato único das oposições, Tancredo Neves, as alianças políticas eram ainda hegemônicas por setores das classes dominantes. Mas agora, o eixo da unidade democrática e popular são as forças de esquerda. Por isso, elas não podem se dividir".



A mesa que dirigiu os trabalhos do ato de lançamento do manifesto do PCdoB em São Paulo

João Amazonas considerou falsa a idéia de que no primeiro turno da eleição presidencial cada partido deve concorrer sozinho, com sua fisionomia própria, pois na sua opinião "o que decide o 2.º turno é o 1.º". Se as forças populares concorrerem divididas no 1.º turno, "há o risco de irem para o 2.º turno dois candidatos das classes dominantes", arrematou Amazonas, que expôs também a convicção de seu partido de que a coligação de forças, a frente progressista, precisa ser formada agora, até porque, "interessa às classes dominantes, sobretudo ao PMDB, cheio de mofo, manobrar para retardar a campanha".

Um importante item da intervenção política do presidente do PCdoB foi o programa

de coligação a ser formado, que deve ser "audacioso, não um ajustamento de quem quer chegar ao Planalto. Este programa deve enfrentar os problemas fundamentais do país e propugnar a realização de transformações profundas na sociedade brasileira".

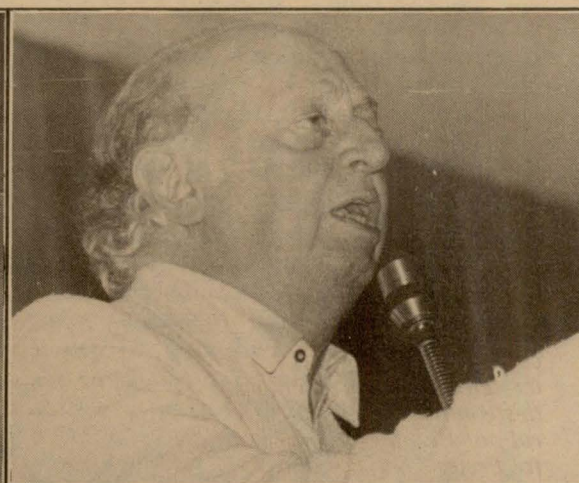
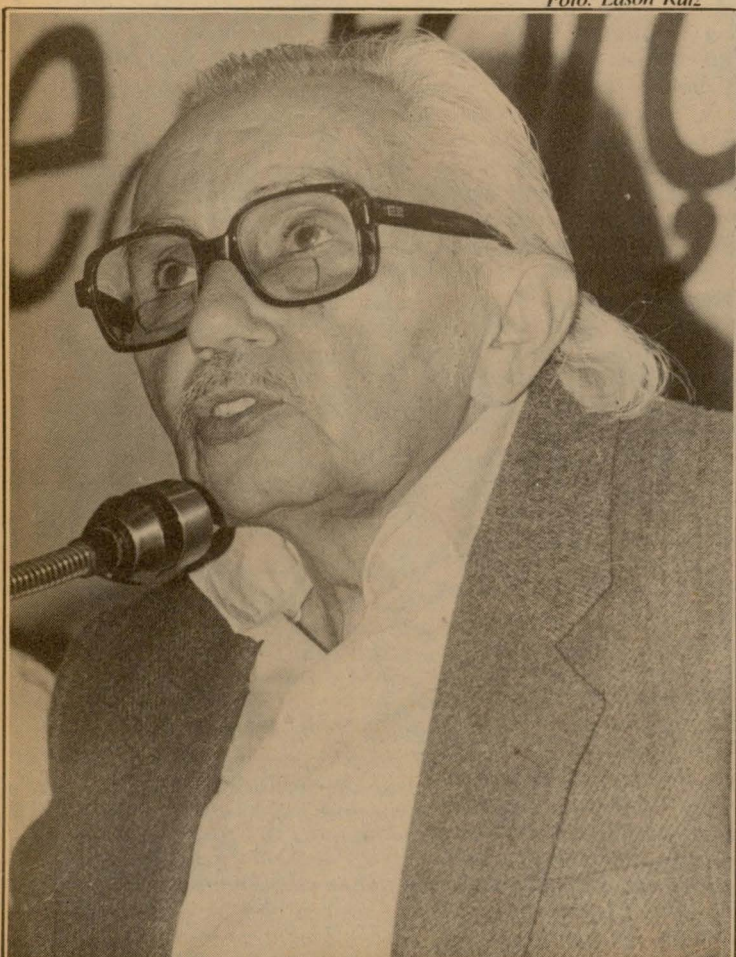
A posição do PT

O vice-prefeito de São Paulo, Luís Eduardo Greenhalg, manifestou "plena concordância com todas as linhas e cada palavra do Manifesto e da intervenção de João Amazonas". Luís Eduardo considera que "as forças populares só poderão vencer se houver desde já a unidade, por isso é necessário estruturar a frente progressista desde agora".

Em seguida falou o deputa-

do estadual José Dirceu (PT-SP), que trouxe "em nome da Direção Nacional do PT e de Lula a saudação de combate ao PCdoB". O dirigente do Partido dos Trabalhadores também declarou estar "de acordo com o Manifesto do PCdoB cujo lançamento hoje tem importância histórica e decisiva". Zé Dirceu disse ainda que "a história do PCdoB e a vitória do PT nas últimas eleições mostram que é preciso acreditar nas classes trabalhadoras". As possibilidades de vitória também são reais na avaliação do dirigente nacional do PT. Para ele está colocada na ordem do dia a necessidade de "conquistar o poder popular e a liberdade, a fim de pôr em prática um programa que resolva os problemas da dívida externa, da terra, da de-

Foto: Edson Ruiz



Amazonas e Aldo Rebelo (PCdoB), Euzébio Rocha (PDT) Luís Eduardo (vice-prefeito de São Paulo) e José Dirceu, da direção nacional do PT



CDM

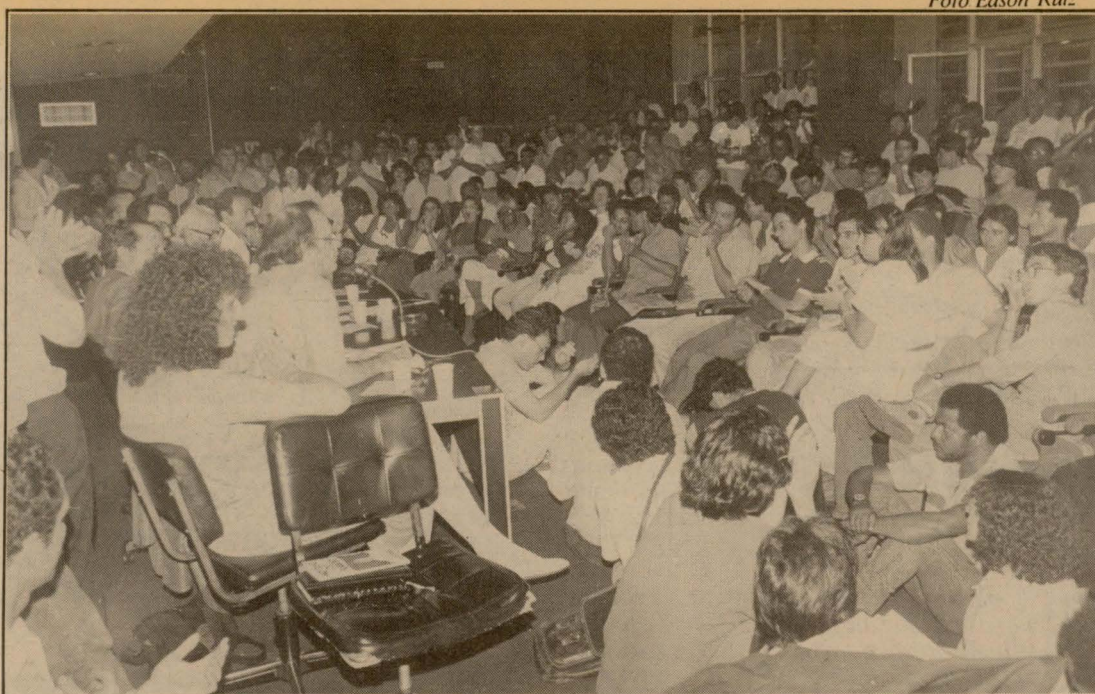
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

mocracia, que liquide a tutela militar e assegure os direitos do povo”.

José Dirceu manifestou sua opinião favorável à proposta do PCdoB de que a frente única não deve ser apenas em torno de alguns partidos políticos, mas envolver o movimento democrático, popular e progressista do país, com a participação de suas mais expressivas entidades. Nesse sentido, o dirigente petista frisou que “o PT oferece a candidatura de Lula sem exclusivismo, partindo do pressuposto de que não deve ser uma candidatura de um só partido, mas do movimento democrático e popular, com a discussão unitária do programa e da campanha”.

O velho nacionalista

Euzébio Rocha, apresentado por Amazonas como “meu velho companheiro na Assembleia Nacional Constituinte de 1946”, falou em nome do PDT. Começou seu vibrante discurso lembrando “os tempos difíceis do governo Dutra, quando a bancada do PCdoB foi uma das mais brilhantes”. O velho líder nacionalista saudou o ato público como “uma reunião histórica e decisiva para os destinos da unidade das esquerdas no Brasil. Somente um partido, como é o PCdoB, com grande experiência histórica, promoveria uma reunião como esta”. O líder pedetista denunciou energicamente o governo Sarney, “um conspirador contra a democracia com seu plano de verão”. E propôs “mobilização nacional já para unir o povo brasileiro”, considerando a suspensão do pagamento da



O plenário Teotônio Vilela, da Assembleia Legislativa, ficou superlotado no dia 13

dívida externa um “dever nacional”. Terminou seu discurso conclamando: “Pátria sim, colônia não. Viva a união das esquerdas”.

A Velha República

O cientista político Duarte Pereira, que João Amazonas apresentou como “expressão alta da intelectualidade”, disse: “Por trás da vitória nas eleições municipais de 1988 há um processo social profundo. A vida mostrou que a vitória em São Paulo só foi possível devido à união das forças populares contra as elites”. Duarte Pereira fez uma longa digressão para caracterizar o regime político e chegar à conclusão de que “a transição está definitivamente encerrada. A

“nova República” é a velha República dos latifundiários, do imperialismo e da grande burguesia, vivendo sob a tutela do militarismo. A única saída para o povo é a conquista de uma democracia nova e avançada”. Por isso ele acha que “os partidos que vão se fortalecer são os que defendem a unidade do povo”.

Por sua vez, o jornalista Raimundo Rodrigues Pereira mostrou que “a direita ainda é forte, apesar da derrota que sofreu. Tem muita capacidade de manobra e experiência. Por isso as forças populares não devem imaginar que a vitória será fácil. Mas ao mesmo tempo as possibilidades das forças populares são enormes”.

Raimundo Pereira, recém-

chegado de uma viagem profissional aos Estados Unidos, fez uma viva descrição do domínio do capital financeiro sobre a vida econômica e dos gigantescos contrastes sociais naquele país. Terminou sua intervenção afirmando a necessidade de contrapor ao aparato de propaganda das classes dominantes “uma imprensa comprometida com os interesses democráticos, nacionais e populares”.

Repercussão positiva

A Direção Nacional do PCdoB já iniciou contatos com diferentes partidos políticos e entidades no sentido de concretizar a proposta de frente única no 1º turno da eleição presidencial. Outros partidos também estão se movimentan-

do na mesma direção. O PSB está com proposta semelhante e tenta viabilizar a “Frente Brasil”. Também o PV fez afirmações favoráveis à unidade. O PCdoB tem recebido manifestações de solidariedade pela iniciativa que tomou. A prefeita de Santos (SP), Telma de Souza (PT) enviou telegrama à Direção Nacional do PCdoB dizendo que “a união dos partidos de esquerda tem levado a conquistas eleitorais que agilizam as transformações sociais que todos queremos fazer. No momento da escolha do candidato a presidente da República envio aos companheiros do PCdoB abraço fraterno, entendendo que o sucesso da união democrática popular vitoriosa em Santos pode se repetir em nosso país, se nos unirmos”. Também o vice-prefeito de Santos, Sérgio Sérulo da Cunha, dirigente do PSB, saudou a “iniciativa de unir os partidos populares e as forças progressistas para que marchemos juntos na sucessão presidencial conseguindo assim abrir uma página de nossa história de liberdade e progresso”.

Ao mesmo tempo que a proposta da unidade entusiasma e mobiliza, surgem também vozes dissonantes e até contrárias à formação da frente única. O PCB, reserva estratégica da burguesia, joga na divisão (ver matéria abaixo). E Leonel Brizola, candidato do PDT à presidência da República, insiste em desferir inopinados ataques às forças de esquerda. É um falso caminho que só conduz à derrota. A menos que Brizola esteja nutrindo a esperança de ser o candidato único... do Centro.

Perspectiva de pigmeu

Em geral, o caráter de uma organização política é revelado através de suas idéias e conduta.

Pois bem, a direção nacional do PCB decidiu lançar um candidato próprio às eleições presidenciais deste ano, o deputado federal por Pernambuco Roberto Freire. Na opinião dos revisionistas, a conjuntura política do país, de relativa liberdade, e o fato da disputa ser definida em dois turnos constituiriam justificativa suficiente para tal atitude.

O senhor Freire, aliás, vai além disto. Tece observações irônicas em relação aos que se empenham, hoje, na formação de uma frente progressista e popular, de esquerda, para se contrapor desde já (incluindo obviamente o primeiro turno da sucessão) às forças das elites governantes. Considera,

tendo em vista principalmente o PCdoB, PSB e PV, que esses partidos assim procedem porque não dispõem de candidato próprio para concorrer ao próximo pleito. É deveras grotesco.

Não fosse o senhor Freire chefe de uma organização inexpressiva, seja do ponto de vista político, eleitoral, social ou numérico; desmoralizada, faccionada e afogada no mais ordinário fisiologismo (apta apenas, como bem se viu em São Paulo, à direção de cemitérios). Não fosse tudo isto, seria preciso perder maior tempo refutando o pretexto. Mas o deputado pernambucano elude a questão.

Nova conjuntura

Há muitas maneiras de interpretar os resultados das eleições municipais do ano passado. Isto não ocorre porque o fato histórico

contém, em si, uma multiplicidade contraditória de significados. Corresponde, antes, aos interesses e mesmo às ilusões dos diferentes personagens que ocupam o cenário político. Assim, por exemplo, é compreensível que os militares, preocupados em disfarçar a bordada das urnas, tenham se apressado a divulgar que o principal efeito do 15 de novembro foi a consolidação de um saudável pluripartidarismo, ao gosto de todos os democratas.

A verdade, do ponto de vista do proletariado, é que a vitória das esquerdas nos principais centros políticos do país, e particularmente em São Paulo, expressou um formidável salto da consciência popular, operando alterações profundas no quadro de correlação de forças pré-existente e descartando novas perspectivas para a luta do povo.

Com efeito, criou-se uma nova conjuntura, que pode e tende a ser o ponto de partida para um movimento de dimensões históricas bem mais amplas, que pode e tende a aproximar — e viabilizar — as condições necessárias às transformações maiores que a nação exige. Seria miopia reduzir o alcance de tudo isto à vitória de um ou outro partido, embora este seja um aspecto da realidade, ou à “consolidação do pluripartidarismo” e não enxergar — o que verdadeiramente importa — a experiência do povo (afinal, ele já fez e fará outras), onde se revelam as formas concretas com que as portas da história são abertas para o avanço, para o novo.

Evidentemente não é tão simples e fácil transformar em realidade a possibilidade de vitória do povo nas eleições presidenciais deste ano, não são desprezíveis as forças que se movimentam objetivando manter a qualquer preço o status quo. O momento exige, antes de tudo, a mais sólida unidade

das forças populares e progressistas, com vistas já ao 1º turno do processo sucessório. Dividir agora seria fazer o jogo das elites governantes, o que é mais que óbvio.

No entanto, o PCB se comporta como se nada disto estivesse ocorrendo, como se vivêssemos no mais belo e tranquilo dos mundos, imaginando certamente que com as vistas grossas retirará maiores proveitos, engrossará suas magras fileiras, etc. Quais as possibilidades eleitorais do senhor Roberto Freire?

A perspectiva histórica que se descortinou a partir dos resultados de 15 de novembro é grande, digna de quem aposta e pensa alto, de gigantes. A perspectiva do PCB, ao contrário, é a de um pigmeu sem rumo, um personagem menor, desmoralizado, enclausurado em um poço de profunda mediocridade, na mediocridade característica. Receberá das urnas, com certeza, um hereditário à altura.

Genet e a Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

Comunista: um título de combate

Rogério Lustosa*

Ser comunista, dizia Diógenes de Arruda Câmara, "é fazer tudo, indo até o aparentemente impossível, para manter sempre viva sua cor vermelha e assim avançar em todos os aspectos da sua concepção de vida: no comportamento, na atividade, na ação".

NADA DE COMODISMO

Na tumultuada conjuntura em que vive o país todo militante tem o dever de refletir sobre isto. Como se pode compreender que, diante duma situação tão rica em ensinamentos e possibilidades, vez por outra se encontrem combatentes de vanguarda choramingando pelos cantos? De que servem atitudes de desânimo, de comodismo, de passividade, ao trabalhador que se rebela diante da opressão e procura os meios para se libertar?

A classe operária, inconformada com o capital, precisa de militantes com entusiasmo revolucionário, homens e mulheres de iniciativa. Jamais de lutadores de ocasião, nunca de burocratas que pensam numa rotina cômoda, de acordo com planos amenos elaborados em poltronas macias.

O comunista é o herdeiro da tradição indomável dos heróis da Comuna de Paris que, em 1871, nas palavras de Marx, ousavam "tomar os céus de assalto". Militante do PC do B é continuador dos que, em 1962, desafiando o poderio aparentemente indestrutível de Krushev e a áurea de "Cavaleiro da Esperança" de Prestes, ousaram denunciá-los como revisionistas e traidores do movimento operário.

CONDUTA DE VIDA

Hoje, ao mesmo tempo, realizam-se congressos e encontros de inúmeras entidades — em particular da Corrente Classista. Desenvolve-se uma mobilização nacional contra o Pacote Verão. E corre em todo o país a discussão em torno da sucessão presidencial. Os

conformistas reclamam que é muita coisa. Preferem um ambiente tranqüilo. Mas os revolucionários sabem que é na tempestade das lutas de classes que se forjam a consciência socialista e as condições de luta capazes de construir uma nova sociedade.

Diante do agravamento dos conflitos sociais, as classes dominantes empreendem furiosa campanha anticomunista. E não vacilam em reprimir os protestos populares. Para enfrentar esta batalha, os trabalhadores necessitam de combatentes corajosos, hábeis e dedicados, capazes de dominar, explicar e aplicar a política de vanguarda do proletariado. Só com a contribuição dos comunistas, as massas podem se libertar das influências burguesas e encontrar o caminho da revolução.

Isto mostra que o título de membro do Partido não é como uma medalha que se prende na camisa. Pelo contrário, é uma conduta de vida, que deve ser provada a cada instante. O PC do B mantém sua marca de vanguarda marxista-leninista não apenas por sua fidelidade à ciência social do proletariado e pela política que adota, mas também pela atividade intrépida cotidiana, de cada um de seus membros. O Partido é o conjunto de suas organizações e cada um de seus militantes.

JUSTO ORGULHO

Cada comunista ajuda a construir o Partido vivo e dinâmico, contribui para criar o instrumento que a classe operária precisa para cumprir a sua missão histórica de sepultar o capitalismo e construir um novo sistema social. Neste processo, na vida partidária, cada um a sua própria personalidade, adquire as qualidades proletárias e se forja como lutador de vanguarda. Assim é que cada militante, com justo orgulho, proclama a sua condição de membro do Partido Comunista do Brasil.

*Membro da Direção Nacional do PCdoB

Rebello lança livro sobre a eleição em São Paulo

"No olho do furacão — Luiza Erundina, A campanha e a vitória" é o nome do livro que Aldo Rebello, eleito vereador pelo PCdoB em São Paulo, acaba de lançar pela Editora Alfa-Omega, de São Paulo. Trata-se do diário de campanha de Aldo, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes e da União da Juventude Socialista (UJS) e dirigente nacional do PCdoB.

O livro tem prefácio da prefeita Erundina, que afirma que no seu diário "Aldo Rebello constrói um quadro emocionante, onde o cotidiano, na sua simplicidade, é também e principalmente o resgate de experiências passadas e, por isso mesmo, síntese contínua capaz de transformar corações e mentes. Aldo explica a vitória, vitória que deixa perplexos os donos do poder, mas que não surpreende em absoluto àquelas que têm sido parceiros na caminhada socialista".



Luís Eduardo Greenhalgh, vice-prefeito, apresenta a obra, testemunhando que a contribuição de Aldo "para a formação da coligação vitoriosa foi muito importante e, passada a campanha, se reforça

nossa certeza de que esta experiência de união, superando as divergências, ainda trará muitos frutos para o futuro das classes trabalhadoras e do povo".

No dia-a-dia da campanha, Aldo foi registrando observações políticas, pessoais, às vezes singelas, dos acontecimentos. O candidato eleito do PCdoB anota as dificuldades políticas encontradas para a formação da coligação "Partidos do Povo". O livro traz também artigos escritos por Aldo Rebello para o jornal "A Classe Operária" e a entrevista que Erundina deu para o órgão central do PCdoB durante a campanha eleitoral. São publicadas, ainda, fotos de campanha eleitoral e gráficos sobre o resultado das eleições em São Paulo.

O livro "No olho do furacão" foi lançado na Banca Imprensa (Bar Avenida), no dia 25.

Saudação a Barbosa Lima Sobrinho

No último dia 22 transcorreu o 92º aniversário de Barbosa Lima Sobrinho, presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Na ocasião, o presidente nacional do PC do B enviou-lhe o seguinte telegrama:

"Saudamos calorosamente

o ilustre jornalista na passagem do seu 92º aniversário, desejando que viva ainda muitos anos para prosseguir na luta pela liberdade, por um futuro de progresso, cultura e justiça social para nossa pátria."

Também a redação de "A Classe Operária", a quem o presidente da ABI concedeu

entrevista exclusiva no ano passado (edição de nº 9 — dez/88), enviou telegrama a Barbosa Lima Sobrinho, associando-se às comemorações do natalício deste eminente brasileiro, símbolo da resistência democrática, da luta em defesa da liberdade de imprensa e da soberania nacional.

Apoio à luta de Chico Mendes

Devido a lamentável falha técnica, em nossa edição passada deixou de ser publicado o telegrama enviado por João Amazonas, presidente nacional do PCdoB, em nome do partido, ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Acre, sobre o assassinio do líder dos seringueiros, Chico Mendes, em dezembro passado.

"Ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais

Xapuri — Acre

"O Partido Comunista do Brasil manifesta plena solidariedade aos trabalhadores de Xapuri, em face do brutal atentado contra Chico Mendes, grande batalhador pela nobre causa de defesa da Amazônia e pelos direitos dos que trabalham a terra. Erguemos nosso enérgico protesto

contra o banditismo dos latifundiários e seus asseclas e exigimos que se faça justiça. Os crimes se repetem e os governantes mostram-se coniventes com a impunidade dos assassinos."

São Paulo, 27 de dezembro de 1988

João Amazonas, pelo Partido Comunista do Brasil

São Paulo em campanha

O Comitê Regional do PCdoB em São Paulo realizou, dias 14 e 15, reunião onde aprovou importantes resoluções visando o crescimento e elevação do nível político e ideológico do partido e fortalecimento de sua organização. Segundo Walter Sorrentino, secretário de organização do PCdoB, em São Paulo, "a reunião foi um chamamento à revolucionarização da militância. Principalmente buscando uma maior ligação com os movimentos de massas e com as lutas populares. A expressão desse sentimento está na pala-

vra de ordem: 'Crescer na luta e pela base'. Estaremos em ritmo de campanha durante todo o primeiro semestre do ano."

Algumas medidas já foram tomadas objetivando fortalecer as direções intermediárias e priorizando a construção do Partido nas áreas operárias. Foi aprovada a incorporação do vereador operário Vital Nolasco na Comissão Executiva Regional e a estreita vinculação de entrada do trabalho sindical — em especial entre os metalúrgicos da capital. Os comitês distritais de

Santo Amaro, Mooca e Lapa serão reforçados. "No caso de Santo Amaro, estamos indicando a aprovação de Aurélio Peres como secretário político e Joel Batista como secretário de organização, numa conferência distrital", informa Sorrentino.

O Partido passou a contar, também, com uma secretaria destinada especificamente ao trabalho de educação e formação. Paulo Roberto de Almeida, Luis Partino como responsável direto por essa frente de atuação.

Fala o Bispo de Volta Redonda

Entrevista a
Carlos H. Vasconcelos

Um religioso de convicções fortes, voz mansa e pausada e sintonizado com as idéias progressistas. Assim é o Bispo de Volta Redonda, Dom Waldir Calheiros, que se destacou como um dos que intercederam nos conflitos entre tropas do Exército e operários da Companhia Siderúrgica Nacional, que resultou na morte de três operários metalúrgicos, no dia 9 de novembro do ano passado.

No último dia 27/12, Dom Waldir falou à "Classe Operária", quando defendeu o fim do governo Sarney, criticou o papel destinado às Forças Armadas na nova Constituição, acusou as negociações em torno do "pacto social" como uma manobra com a opinião pública e propôs uma auditoria para apurar onde e como foi aplicado o dinheiro que gerou a dívida externa, para ele uma das causas principais da inflação.

Classe — Como o sr. vê a atual situação nacional?

Dom Waldir — Sempre vi que a transição está sendo feita com muitas dores e sofrimentos. Quero ver o parto da democracia sem tutela. Nesta situação, quem está pagando mais caro são os operários e os trabalhadores. Isso sem falar da miséria dos pobres.

Classe — Qual a solução para os problemas por que passa o país?

Dom Waldir — A solução seria o de caminhar o caminho traçado, que implicava a Constituinte determinar as

eleições presidenciais para 88. Infelizmente adiaram para mais um ano a eleição de Presidente e com este erro só nos resta preparar bem e escolher o melhor possível. Se a Constituinte foi feijão lançado na roça, a eleição de Presidente será a chuva que fará brotar o novo. Bom seria que a chuva viesse o mais cedo possível.

Classe — Como o sr. viu a participação do Exército na greve dos metalúrgicos da CSN?

Dom Waldir — Infelicíssimo o modo de intervenção. Quiseram rasgar a Constituição aqui dentro de Volta Redonda. Dolorosa e terrível a força armada, com batalhão e atiradores de elite, sem tentar qualquer negociação antes de atirarem. Foi simplesmente uma página sangrenta e desonrosa que eles deixaram em Volta Redonda e não uma lição e muito menos um exemplo. O repúdio nacional e internacional atesta esta indignação.

Classe — Qual o papel, então, que devem representar as Forças Armadas no Brasil?

Dom Waldir — Eu creio que elas têm o seu papel no país. Por certo não é para solucionar os conflitos sociais. Cabe às Forças Armadas defender nossas fronteiras e nosso território. Acredito que os outros problemas os civis são capazes de resolver. Quando erram, o povo corrige, não confiando nos que erraram. É o caminho normal da democracia.

Classe — Como o sr. vê a mobilização de entidades civis e de parlamentares para apuração dos crimes dos três operários da CSN?

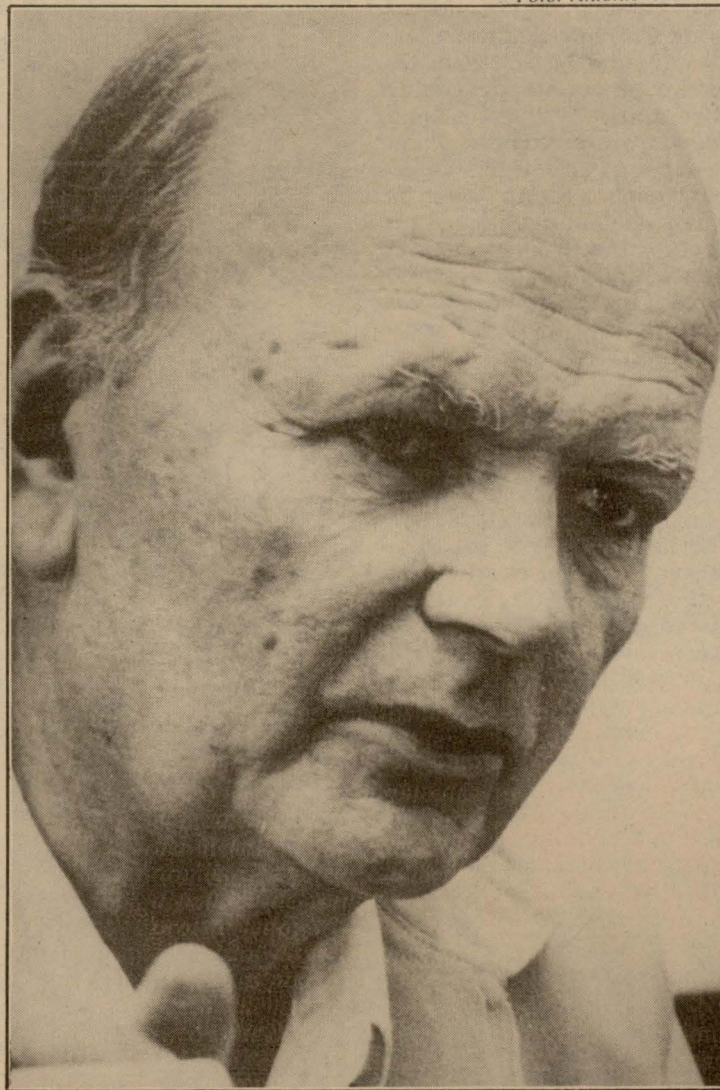


Foto: Antônio Coutinho

Dom Waldir: "As ameaças se agravam pela impunidade dos mandantes"

Dom Waldir — As apurações dos crimes são montadas para descobrirem o óbvio: as vítimas são da operação do Exército. É importante, no entanto, que a sociedade civil faça todo o empenho para que a impunidade não se converta em **imunidade**. É de se estranhar um pouco o silêncio da Câmara dos Deputados, a não ser a iniciativa tomada pelo

deputado Edmilson Valentim (PCdoB/RJ) em pedir a instalação de uma CPI, mas que até agora a Presidência da Casa, o deputado Ulysses Guimarães, não deu o devido encaminhamento. Duvido que a iniciativa de apurar as responsabilidades seja tomada pelo próprio Exército, os únicos armados no episódio.

Classe — Como o sr. interpreta os assassinatos que são cometidos contra os líderes sindicais, advogados e posseiros e parlamentares ligados aos trabalhadores?

Dom Waldir — As ameaças existentes podem ser reduzidas simplesmente em ameaças políticas por defenderem interesses opostos aos ameaçadores. A ameaça se agrava pela impunidade dos mandantes, pelo protecionismo dos grandes privilegiados. E pelo clima de imoralidade pública, proporcionada pela não apuração de crimes que lesam a comunidade, dentro dos próprios organismos oficiais.

Classe — O que o Governo teria que fazer, na sua opinião, para impedir esses crimes, bem como o controle dos pobres?

Dom Waldir — É importante que o clima aberto para a

democracia faça unir todas as forças políticas e democráticas, para que se mude essa atitude de impunidade das autoridades competentes, principalmente nesse tempo de mudança política. A atenção deve-se voltar a fim de que não escape mais nenhum crime da devida apuração e punição.

Classe — Na sua opinião, quais as causas da inflação e qual o papel que ela desempenha para o agravamento da crise brasileira?

Dom Waldir — A situação, na visão dos pobres e até mesmo da classe média é de incredulidade. Não nos homens, mas na incompetência dos que estão governando, pois se não houvesse esperança no povo, o resultado das eleições de novembro passado não seria o que foi. Enquanto a nova eleição não chega tem-se que pressionar as autoridades para que mude de rumo sua política econômica que só sacrifica o pequeno e o pobre. Esta inflação tem duas causas principais: a dívida externa e a ganância dos empresários, sobre quem o governo não tem força e que ultimamente se juntaram em torno do "pacto social", para tirar ainda mais dos trabalhadores.

Classe — O que o sr. acha da dívida externa brasileira?

Dom Waldir — Primeiramente, tem que ser feita uma auditoria para saber aonde e como foi aplicado o dinheiro. Segundo, o governo tem que ter coragem de reconhecer que essa dívida já foi paga, pois a ganância dos banqueiros internacionais os levaram a brincar com os juros a seu bel-prazer, para satisfazer ao capitalismo internacional o qual sobrevive à custa da miséria dos países pobres. Acho também que novas regras deveriam ser definidas com a participação de todo o país e não somente do governo federal.

Classe — O que representa a proposta do "pacto social"?

Dom Waldir — Creio que ele tem o objetivo de criar uma opinião pública de que estão querendo mesmo realizar algo eficaz para controlar a inflação. Mas quem está nas negociações são os empresários que decretaram a desobediência civil quando viram seus interesses diminuídos. E pessoas, que não chamo de ingênuas, mas, talvez, de boa fé e de boas intenções, pois, do contrário, não chamo de pobres. Mas sabemos que boa intenção não salva ninguém.

Na lista para morrer

Por causa das posições políticas que defende, Dom Waldir Calheiros é agora integrante da mais nova lista dos marcados para morrer. A denúncia foi feita pelo próprio Bispo, a partir de informações que obtivera de dois investigadores da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Os dois policiais o procuraram e o alertaram de que estaria jurado de morte por grupos de extermínio que agem em Volta Redonda. Os detalhes da "operação", incluem o fato de que o executor do crime já estaria inclusive com passaporte pronto para, depois

que assassinar o Bispo, sair do país. Um acidente seria forjado na Baixada Fluminense, para mascarar um atentado.

Dom Waldir admite que suas constantes denúncias contra esses grupos de extermínio que agem em Volta Redonda seriam uma das causas das ameaças. E a impunidade dos crimes cometidos contra os ex-deputados Paulo Fonteles e João Carlos Batista, do Padre Josimo no Maranhão, e mais recentemente do ecologista Chico Mendes no Acre são um incentivo

maior à continuação de tais assassinatos.

Líderes sindicais e populares, associações de moradores, entidades ligadas à Igreja e o Deputado Edmilson Valentim, PCdoB/RJ, manifestaram seu apoio a Dom Waldir Calheiros durante ato público realizado em 18 de dezembro no centro de Volta Redonda. O movimento comunitário contra a violência, vinculado à Cúria Diocesana, divulgou um manifesto de solidariedade ao bispo e denunciou uma lista de pessoas marcadas para morrer na cidade.

CURTAS

Desafios na área sindical

Foto: Arquivo

A Corrente Sindical Classista iniciou o ano de 1989 acumulando importantes e expressivas vitórias no movimento sindical brasileiro. Em Fortaleza (Ceará), por exemplo, a chapa que concorreu pela corrente às recentes eleições destinadas a renovar a diretoria do Sindicato dos Motoristas, esmagou a chapa formada pela CUT, obtendo nada menos que 3.878 votos contra apenas 308 (menos que 10%) concedidos aos cutistas.

Assim como em Fortaleza, os trabalhadores de Salvador (BA), neste caso da categoria têxtil, decidiram responder com um rotundo não aos intentos dos divisionistas. O sindicato dos Têxteis vinha sendo dirigido por sindicalistas de reconhecida combatividade. Contra a gestão democrática, aberta a todas as tendências, realizada por membros da Corrente Sindical Classista, opôs-se a ação divisionista de elementos vinculados à CUT, que formaram a chapa intitulada "Têxteis da CUT" (chapa 2) para concorrer às eleições sindicais ocorridas dias 9 e 10 de janeiro. A categoria deu uma resposta contundente. Foram 1.147 votos da Chapa 1, encabeçada por Antonio Estevão Patrício, contra 224 da 2. Apenas uma pequena fábrica (Cata), a Cut logrou vencer. O resultado, fábrica por fábrica, foi o seguinte:

Empresa	Chapa 1	Chapa 2
Cofabi	513	60
Fagip	273	7
Celbrás	179	34
Banylsa	29	20
Cata	47	98
Fisalplast	30	0
ICI	60	5
Sindicato	16	5
Total	1.147	224

O congresso da Federação dos Servidores das Universidades Brasileiras (Fasubra), realizado dias 18 a 22, na Universidade Estadual de São Paulo (USP), aprovou proposta encaminhada pela Corrente Sindical Classista em favor da ação unitária das forças democráticas e progressistas nas eleições presidenciais deste ano. O encontro decidiu também transformar a entidade na Federação Nacional dos Trabalhadores em Educação do 3º Grau, com caráter sindical e tendo por base sindicatos estaduais da categoria. A corrente fez cinco membros da nova diretoria executiva da Fasubra, incluindo o vice-presidente, tesoureiro e três outros diretores.

Ronald Freitas *

A realização do 1º Congresso da Corrente Sindical Classista nos dias 24, 25 e 26 de fevereiro se reveste de grande importância. 1989 será um ano político por excelência, tendo na sucessão presidencial de 15 de novembro o catalizador de toda a luta política e econômica que se desenvolverá durante o ano. Na área sindical, será o ano da adaptação do sindicalismo às novas normas constitucionais.

Tudo isto faz do Congresso um novo e destacado momento de discussão, elaboração e programação das ações da Corrente no cenário da luta sindical e política do país. Para cumprir o seu papel de fórum privilegiado de debate e se tornar uma manifestação política organizada da concepção sindical classista no país — a primeira nas últimas décadas —, é necessário que o Congresso seja representativo, massivo, democrático e busque de forma corajosa os rumos que permitam política e organicamente um avanço significativo na luta sindical.

Representatividade

É necessário que no Congresso esteja presente um grande número de sindicalistas, através de delegados legitimamente escolhidos. No Brasil, existem mais de 5 mil sindicatos de trabalhadores assalariados. Muitos se alinham a uma ou outra central sindical existente, mas existe um expressivo número de sindicatos que não estão filiados a nenhuma central e procuram caminhos e formas adequadas à sua ação intersindical, estando abertos à discussão.

Deve-se entrar em contato com o conjunto dos sindicatos, no sentido mais amplo possível, apenas excluindo aqueles dirigentes pelegos de notória atividade a serviço dos patrões. É preciso discutir com os sindicalistas a importância da mobilização para o Congresso da Corrente e a sua participação nele.

Nas entidades onde as direções se oponham à participação no Congresso e, ao mesmo tempo, exista na categoria o anseio de inserir-se na construção de uma concepção classista de sindicalismo, é correto escolherem-se representantes que poderão participar com direito a voz e não de voto, levando as opiniões dos companheiros e ajudando o conjunto do movimento a avançar. Esse tipo de representante significa uma inovação da Corrente, que ao mesmo tempo em que



O desejo de mudanças é grande e exige uma resposta à altura do movimento sindical brasileiro

garante a presença no Congresso de categorias controladas por sindicalistas exclusivistas, não estimula o paralelismo e a divisão sindical.

Congresso massivo

A representação de centenas de entidades sindicais deverá se materializar na presença de milhares de delegados ao Congresso. Deve-se superar de forma decidida e criativa as dificuldades, que não são pequenas, como as de transporte, alojamento, alimentação, e garantir a mais massiva presença de delegados ao Congresso. É necessário desenvolver formas de solidariedade intersindical, de maneira que entidades em melhores condições materiais possam ajudar outras mais débeis, bem como buscar apoio nas categorias, vendendo bônus, fazendo rifas, bingos e outras atividades do gênero, objetivando trazer o maior número de delegados possível. Discutir com outras forças progressistas e populares é também uma exigência. Tudo isto terá o mérito de garantir a presença massiva e propagandear e divulgar o Congresso.

Congresso democrático

Uma ampla discussão das teses e propostas a serem levadas ao Congresso é condição fundamental para a realização de um encontro democrático. No relativamente curto espaço de tempo que vai até sua realização, é necessário e possível realizar reuniões com sindicalistas, direções e bases, para discutir as propostas políticas

e sindicais da Corrente, onde se deve recolher subsídios e opiniões, que poderão ser transformados em propostas se estiverem em sintonia com as necessidades do conjunto.

Rumo político

A crescente crise que vive o nosso país tem encontrado forte resistência por parte dos trabalhadores e dos setores progressistas da sociedade. O desejo de mudanças e superação das difíceis condições de vida do nosso povo é a mais pujante força que move a luta política nos dias atuais. Isso se expressa das mais diferentes formas. As eleições de 15 de novembro de 1988 foram uma significativa demonstração dessa vontade de mudanças por parte da sociedade. Ao dar a vitória às forças progressistas e populares nos principais centros políticos do país, a nação apontou o rumo que deseja ver trilhado para vencermos a dependência, o atraso e a exploração a que são submetidos o país e seu povo.

Essa vitória das forças progressistas corresponde a uma derrota do centro e coloca na ordem do dia a possibilidade de avanços significativos na luta política, desde que se estabeleça uma aliança política de forças populares e progressis-

tas — partidos de esquerda, movimentos sindical e popular, juventude, mulheres, estudantes, personalidades e entidades progressistas —, forme um movimento político que aponte rumos e saídas para a situação que o país atravessa.

Na área sindical, isso corresponde à necessidade de o movimento sair da luta meramente econômica e reformista, que no fundamental exerce, e lançar-se como uma força capaz de auxiliar a formação desse movimento e de levar o proletariado e demais trabalhadores assalariados à disputa do poder político.

Para isso, torna-se necessária a mais ampla unidade do movimento sindical em torno de uma postura de luta e não de conciliação. Assim, o Congresso da Corrente Classista deverá analisar a realidade orgânica do movimento e buscar criar os fóruns capazes de elevá-lo a um patamar mais avançado, propor uma política de frente única com a CUT, que simultaneamente ao encaminhamento comum das lutas busque estabelecer os caminhos que levem à unificação do conjunto do movimento sindical brasileiro.

*Membro da Direção Nacional do PCdoB

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

CPB fez um congresso de luta

A CPB, agora transformada na Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE), realizou em Campinas (SP), de 7 a 12 de janeiro, o seu XXII Congresso. Participaram 2524 delegados de todos os Estados brasileiros. Depois de debaterem questões relacionadas à política nacional, educação, sindicalismo e outras, eles elegeram a nova diretoria da entidade, contemplando as diversas correntes que atuam no movimento.

“Foi um encontro positivo”, assegura a alagoana Alba Correia, eleita vice-presidente da entidade. Ela integra o bloco “Unidade na CPB” — formado em contraposição às tendências alinhadas na CUT —, que fez três dos 10 membros da nova diretoria executiva.

Unidade

Conforme Alba, “o XXII Congresso da CPB avançou na unidade dos professores e também acenou para a união do povo na luta para o combate ao latifúndio, à reação e ao governo entreguista de Sarney. Foi, neste sentido, bem diferente do encontro realizado em Brasília, em 1988, marcado, aquele, pela ameaça de divisão da entidade e por várias irregularidades, inclusive a eliminação de delegações legitimamente eleitas”.

O ponto alto do Congresso, de acordo ainda com a vice-presidente da CPB, foi o debate em torno dos problemas políticos nacionais. “A articulação ‘Unidade na CPB’ propôs, principalmente, a aprovação de uma proposta de frente progressista e de esquerda, constituída dos partidos políticos, sindicatos e entidades organizadas da sociedade civil, com a finalidade de atuar nas eleições presidenciais deste ano e com vistas a garantir um projeto que aponte para as mudanças estruturais que façam avançar a luta do povo brasileiro.”

Em sua opinião, foi surpreendente “e contraditória” a posição das correntes cutistas nesta questão: “Elas votaram contra esta proposta, argumentando que isto significaria a partidarização da entidade, além de recriminarem a participação de progressistas neste campo de alianças. Após a votação, desfavorável à nossa proposta, o presidente do PT mineiro defendeu a idéia de formação da frente.”

Política educacional

Já Maria José Rocha Lima, eleita vice-presidente Nordeste, diz que “nas discussões sobre educação houve um salto de qualidade. Pela primeira vez nestes últimos anos, a CPB conseguiu garantir a realização de uma plenária de educação com o devido destaque, atendendo aos reclamos dos professores”.

— A partir de um debate sobre lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, por sinal de excelente nível, reunindo as professoras Lucília Regina Machado (UFMG) e Lizete Arelaro (USP), foi possível o aprofundamento das questões educacionais nos grupos e em plenário”, conta.

Acrescenta que uma polémica “interessante” ocorreu em torno do conceito de escola unitária, “tese defendida pela professora Lucília Regina e

pela articulação ‘Unidade na CPB’. A proposta acabou sendo aprovada em plenário, pois os professores entenderam que a escola unitária deverá ser um ponto central para que seja assegurada a todo o povo brasileiro uma educação que possibilite o acesso ao saber técnico, científico, universal. Em função disto, foram aprovadas resoluções por um sistema nacional unificado de educação, plano unificado de carreira, gestão democrática do sistema escolar e diretrizes e currículo unificado a nível nacional”.

O sistema nacional unificado de ensino, revela Maria José, “envolve a União, estados e municípios, acabando de vez com as desigualdades existentes entre as redes de ensino e contrapondo-se à fragmentação contida na proposta de municipalização do ensino”. O plano nacional de carreira, por outro lado, “objetiva assegurar um piso salarial para a categoria e condições dignas de trabalho e qualificação, o que seria coroado com a gestão democrática do sistema escolar, com eleições diretas para as instituições de ensino e a garantia de participação da comunidade escolar nos conselhos escolares e conselhos de educação”. O congresso reafirmou as bandeiras da escola pública e gratuita, assim como a exclusividade de verbas públicas para tais escolas e a luta contra a privatização e municipalização do ensino.

Política sindical

A vice-presidente da CPB na regional Norte I, a amazônica Ralcilene Santiago Frola, opina que “uma das mais importantes decisões do congresso foi a transformação da CPB em Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, o que vem responder às exigências da política sindical brasileira a partir da conquista do direito de sindicalização do servidor público”.

— Sem dúvida — afirma — isto reflete as experiências acumuladas pelo movimento dos professores, que sempre indicou a necessidade de uma organização mais ampla, que integre outros segmentos da educação, como os especialistas e funcionários da escola, além de significar um importante passo para a superação do corporativismo ainda presente no movimento. Ralcilene acena ainda para o encaminhamento da decisão “se dará na construção de um

fórum unitário das entidades sindicais da área da educação. Será convocado um congresso unitário e será submetida à discussão a proposta de uma nova estrutura da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação”.

É ela ainda quem agrega a observação de que neste congresso, “diferentemente de anos anteriores — quando a polarização se dava em torno da filiação ou não à CUT —, o debate sindical no XXII Congresso foi voltado para questões de fundo, de concepção, por exemplo, em torno da unicidade sindical e do pluri-sindicalismo. Neste ponto, mais uma vez, os companheiros da CUT provocaram a perplexidade, até entre as fileiras cutistas, quando argumentaram contra a unicidade sindical, que, lamentavelmente, acabou não sendo aprovada”.

Sucessão

Ralcilene aponta um “outro momento alto do Congresso, as eleições para a nova diretoria da CPB. Foi um momento de maturidade política das lideranças presentes. A eleição se deu pelo método da proporcionalidade para a executiva, e eleições dos vices regionais em assembleias regionais realizadas no mesmo encontro”.

— “Votaram — completa Ralcilene — 2403 professores, resultando 65,3% em favor da chapa da articulação cutista, e 34,7% favoráveis à chapa ‘Unidade na CPB’, significando, respectivamente, sete e três cargos na direção da CPB. Roberto Felício, da Apeoesp, é o novo presidente da CPB. Pela articulação ‘Unidade na CPB’, foram eleitas destacadas lideranças para a diretoria, como a professora Alba Correia, vice-presidente; Marisa Abreu, secretária educacional, e Hamilton Santana, 1º tesoureiro, além de vice-presidentes regionais.”

Alba Correia cita como “um fato histórico digno de registro”, a discussão para a composição das chapas “dentro das duas correntes e por uma comissão unitária. A última plenária, realizada de madrugada, revelou as divergências no seio da CUT, quando a corrente ‘CUT pela base’ resistia à posição da ‘Articulação da CUT’ na ocupação do cargo de vice-presidente por integrantes da ‘Unidade na CPB’. A bancada da ‘Unidade na CPB’, de certa forma, deu o tom do congresso. Embora não fosse majoritária, destacou-se como a mais aguçada e organizada, insistindo em um alto nível de politização e organização”.



Maria José, Ralcilene e Alba:
“o encontro avançou na unidade dos professores e aprovou resoluções progressistas”

Bush assume a herança de Reagan

Carlos Pompe

“As coisas poderão ser difíceis.” A frase, perdida em meio a um lenga-lenga semelhante a um sermão dominical, foi o que sobressaiu do discurso de posse do novo presidente dos Estados Unidos, George Walker Herbert Bush, dia 20, em Washington. No mesmo momento em que Bush assumia o poder, a polícia reprimia a tiros uma rebelião num bairro de Miami.

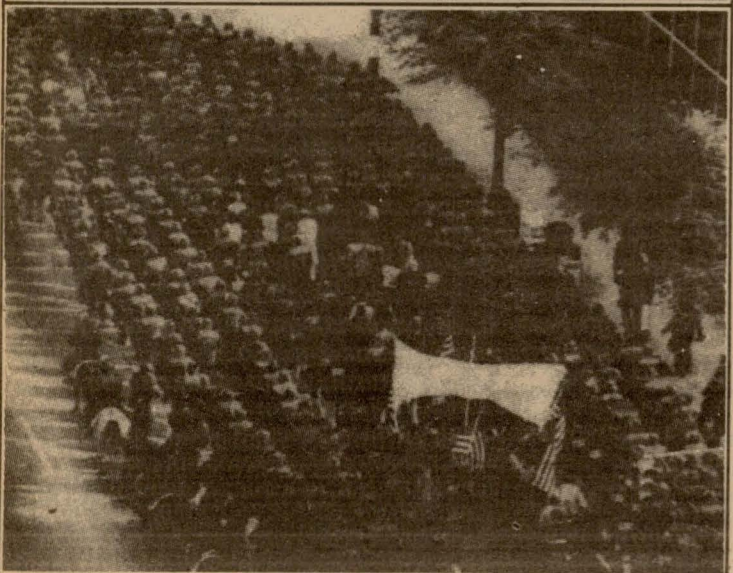
A rebelião em Miami foi um fato ilustrativo do “período de progresso” da administração de oito anos de Ronald Reagan. A burguesia ianque se deu bem nesses anos. Por isso ela avalia com otimismo. Po-

rém, para o povo norte-americano as coisas não correram favoráveis.

Cresceram os lucros das grandes empresas. Mas cresceu também o déficit habitacional, o número de cidadãos em condições de vida abaixo da linha da pobreza, a dívida externa, a dívida interna e o consumo de drogas. Foi a prosperidade da “era Reagan”.

Bush, vice de Reagan, assume agora a presidência, apelando para “velhas idéias”, como “o dever, sacrifício, compromisso e patriotismo”. É claro, a situação está ruim. É a hora de pedir “sacrifício” e “patriotismo” para a população. Afinal, Bush pretende reduzir o déficit público. E isso implica em cortar ainda mais gastos com saúde, educação e assistência social. Cortes que já foram drásticos na gestão de Reagan.

Foto: Arquivo



Negros presos pela repressão em Miami, após a rebelião enquanto 2 mil policiais garantem a “liberdade de expressão” de sete membros da Ku Klux Klan



Bush assumiu pedindo “sacrifício” e “patriotismo” para o povo

saúde, educação e assistência social. Cortes que já foram drásticos na gestão de Reagan.

Racismo e opressão

Sintomaticamente, no mesmo período em que 2 mil policiais garantiram a “liberdade” de manifestação de sete racistas da Ku-Klux-Klan, no distrito negro de Overtown, Miami, os negros se rebelavam. A revolta explodiu dia 16 de janeiro. Dois negros, numa motocicleta, foram abatidos pela polícia porque violaram leis de trânsito! O motoqueiro foi fulminado com um balaço na cabeça. Seu companheiro morreu pouco depois, num hospital. A população não agüentou mais esse ataque repressivo e se rebelou.

As imagens nada ficaram devendo ao apartheid da África do Sul — não é por acaso que o governo norte-americano apóia o regime racista. Policiais brancos pisotearam manifestantes negros — em especial mulheres e crianças. Mais de 400 populares foram presos e pelo menos um foi morto pela repressão. Desarmados diante dos policiais, os populares direcionaram sua fúria contra os prédios residenciais de brancos e lojas comerciais que cobram preços extorsivos. No total, 27 edifícios incendiados.

Por trás da revolta, o dado significativo de que em Dade County — a região administrativa que engloba Miami —, o desemprego entre os negros, em 1988, foi de 10,4%; enquanto entre os hispânicos foi de 5,8% e, entre os estadunidenses brancos, foi menos ainda.

Protesto cívico

Na festa da posse — a mais cara dos 200 anos de presidencialismo nos Estados Unidos, orçada em 30 milhões de dólares —, populares postaram-se diante das caravanas de miliardários que foram prestigiar Bush e gritavam: “Vergonha! Vergonha!” E em frente ao luxuoso restaurante onde foi realizado o banquete de gala promovido pelo Partido Repu-

blicano — com música ao vivo interpretada pelo mafioso Frank Sinatra e pelo canastrão Júlio Iglesias —, organizações democráticas promoveram um “antibanquete”, à base de arroz, reclamando contra “a fome e a falta de moradia” no país.

Vento bravo

Em sua arenga de posse, Bush se referiu no mínimo quatro vezes à “brisa nova”

Ação fulminante na Argentina

Foi um massacre. Cerca de 40 mortos, mais de 100 feridos e uma instalação militar completamente arrasada. Desta vez o Exército argentino não titubeou. No dia 23 de janeiro, num gesto resolutivo, o grupo Exército Revolucionário do Povo resolveu se apossar do quartel de La Tablada, do Exército da Argentina, a 40km de Buenos Aires.

A reação das Forças Armadas não se fez esperar. Tropas do Exército e da Polícia cercaram o local. Os combates duraram 30 horas. As forças governistas usaram três tanques, helicópteros, bombas incendiárias. Os generais destruíram carros que estavam a caminho de seus tiros, e o quartel de La Tablada ficou em ruínas. Orgulhoso, o diretor dos serviços de segurança do governo, Facundo Suarez, disse à imprensa: “A situação está dominada do ponto de vista militar.”

Até o momento em que encerrávamos esta edição, não havia sido divulgado a razão do ataque do Exército Revolucionário do Povo ao quartel. As informações oficiais davam conta de que 80 guerrilheiros do ERP participaram dessa ação, contra 14 sequestraram após o fim dos combates. Um dos guerrilheiros, um prisioneiro ainda durante as primeiras refregas, quase foi

que sopra no Globo. Mas na verdade o que se desenha pela frente é um temporal. Bush inclusive “estendeu a mão” ao Partido Democrata para governarem juntos (aliás, pouca coisa diferencia os democratas dos republicanos nos EUA), diante das dificuldades que prevê.

Um ex-assessor do presidente Reagan, Mitchell Daniels, prognosticou “meses de terror” pela frente nos EUA. O déficit público do país beira os 200 bilhões de dólares; as pequenas instituições de poupança falem uma após a outra desde o Crash da Bolsa de Nova Iorque, os produtores agrícolas estão endividados até o pescoço e o número de analfabetos no país alcançou 30 milhões de pessoas! O governo fala em reduzir o consumo — sinônimo de reduzir salários. E, sinal dos tempos, o novo presidente, que diz que agora a Casa Branca é uma “casa do povo”, teve que fazer seu discurso de posse atrás de um vidro a prova de balas. A mostra de sua popularidade.

linchado pelos militares que o capturaram.

Contrastando com a morosidade irresponsável com que atuou contra as rebeliões militares de direita lideradas pelos coronéis Aldo Rico e Seineldin, os generais desta vez atacaram com rapidez e violência. “Vou matar a todos”, bradou um oficial, que se identificou como Acuña. “Esses subversivos de esquerda mataram meus companheiros”, gritou.

O ataque ocorreu num ano especialmente importante para os argentinos. Eles têm eleições presidenciais marcadas para o dia 14 de maio. O presidente Alfonsín, no dia 20, declarou à nação que não descartava que um levante direitista “volte a se repetir” até a data do pleito. A democracia continua em perigo no país vizinho. E o Exército demonstrou que sabe bombardear a oposição — quando isto lhe interessa.

É de destacar que, um pouco antes da ação do ERP, um autodenominado “Novo Exército Argentino” espalhou panfletos no quartel de La Tablada elogiando as rebeliões militares lideradas por Aldo Rico e por Mohamed Ali Seineldin em abril de 87, janeiro e dezembro de 88. Os panfletos tinham um teor anticomunista raivoso. E as forças de segurança de Alfonsín se mostraram impotentes para identificar seus autores...

Foto: Arquivo

Lênin, o guia imortal da revolução proletária

resse do proletariado revolucionário, desde a criação de uma simples organização partidária de base até os complicados temas da filosofia, do materialismo dialético e histórico. E em todas revelou genialidade, capacidade de ir à essência dos fenômenos, em geral oculta ou dissimulada. Dominando inteiramente as grandes e fecundas idéias dos clássicos da ciência social, desenvolveu o marxismo de maneira criadora, analisando com clareza os problemas novos que se apresentavam com o desdobramento do capitalismo chegado à fase do imperialismo, do capital monopolista, da oligarquia financeira. Possivelmente, sem a compreensão desses problemas não teria havido a Revolução de 1917.

Como no tempo de Marx e Engels, a obra de Lênin surgiu em meio a polêmicas

Igual que no período de Karl Marx e Friedrich Engels, a obra científica e revolucionária de V.I. Lênin se produziu em meio a duras polêmicas com os adversários do progresso social. Não propriamente, ou principalmente, com os teóricos da burguesia, mas sobretudo com os que se julgavam intérpretes da evolução da sociedade, muitos dos quais se intitulavam partidários do comunismo. A luta teórica contra os defensores abertos do capitalismo não era tão complicada, ainda que exigisse contundência. O pior afluava nas áreas da esquerda onde pontificavam figuras re-

nomadas de estudiosos da questão social, ao lado de filisteus incorrigíveis ostentando erudição. Descobrir e corrigir os erros e equívocos por eles manifestados, que implicavam a distorção do marxismo, impunha-se como tarefa de primeiro plano. Lênin aceitou o desafio da sua época e desmontou pedra por pedra a construção sem consistência levada a cabo por pessoas insuficientemente preparadas ou por falsos adeptos da teoria revolucionária.

A vida de Lênin norteou-se por um objetivo grandioso que ele perseguiu sem descanso: fazer a revolução, remover a estrutura burguesa da sociedade e construir o mundo novo do comunismo. Dedicou-se a pesquisar e a praticar a via revolucionária da transformação social. Por que meios, por quais caminhos, por onde começar e quando atacar decisivamente, em que forma expressar de modo correto o conteúdo da luta de classes a cada momento, como abordar a consecução dos fins projetados — foi a preocupação constante e o móvel de sua atividade realizadora.

Ainda jovem, seus primeiros passos na arena política orientaram-se nessa direção. Reuniu operários na velha Petersburgo para levar-lhes a consciência socialista, elaborou programa partidário radical, pôs em ação os explorados pelo capitalismo. No exílio, na Sibéria, refutou as tendências economicistas que despontavam entre os intelectuais de esquerda. A partir do exame da realidade russa e da experiência do movimento social, escreveu várias obras fundamentando a necessidade e a inevitabilidade da revolução. Sua figura de provado combatente de vanguarda agigantou-se nos acontecimentos que resultaram na vitoriosa insurreição de novembro de 1917. Ele é o fundador do primeiro Estado Socialista do Planeta.

Lênin deu importância à criação e fortalecimento do partido do proletariado

Intransigente defensor da ciência marxista, Lênin expressou com grande precisão a idéia de que "sem teoria revolucionária não existe movimento revolucionário". Mas a teoria, simplesmente, desacompanhada dos instrumentos de sua realização prática, para na conceituação abstrata. Ele sempre ligou a teoria à transformação da realidade e deu, por isso mesmo, enorme importância à criação e ao fortalecimento do partido revolu-

cionário da classe operária. Para o eminente teórico do proletariado, o partido era a ferramenta indispensável da construção monumental da revolução socialista. Constituiu a organização superior de classe dos que produzem, destinado a dirigir politicamente todas as demais organizações de massas dos trabalhadores.

O inolvidável continuador de Marx e Engels consagrou grande parte de sua existência à edificação do Partido Bolchevique. Esse esforço vinculava-se à luta contra as correntes oportunistas. Estava seguro de que o partido da revolução somente cumpriria sua missão histórica se traduzisse correta e profundamente as aspirações emancipacionistas dos escravos do capital. Tinha plena consciência de que o partido marxista vive e existe em função da revolução. Avançar ou recuar, confrontar ou contornar, exige o mais e também o menos, atua ao nível de entendimento das massas, em circunstâncias diversas, mas sempre com o objetivo claro de estimular o avanço do movimento revolucionário. Avanço que às vezes não se mede por passos à frente, perceptíveis, mas acumulação de forças preparando o salto maior no caminho da libertação.

E se Lênin julgava necessário e insubstituível o partido para realizar a revolução, considerava num plano ainda mais elevado o partido para construir o socialismo. Exigia que fosse forte ideologicamente, inimigo da rotina e da burocracia, livre de tendências oportunistas, com disciplina férrea em suas fileiras. Após a Revolução de Outubro, propugnou a expulsão do partido de 90% dos mencheviques e outros da mesma espécie que haviam ingressado de roldão nas hostes bolcheviques apro-



Repercussão na imprensa estrangeira

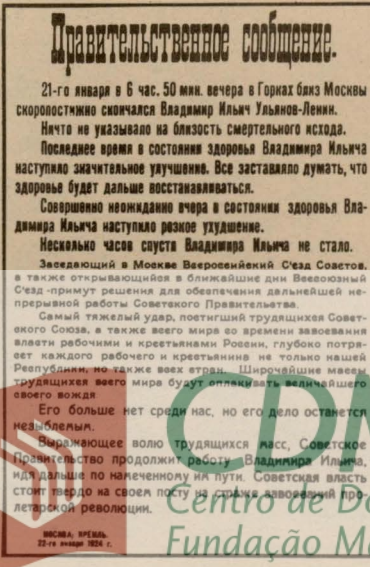
veitando-se da adesão em massa do povo trabalhador à nova ordem socialista.

O pensamento de Lênin tem plena atualidade e ilumina o caminho da revolução

Ele tinha visão do futuro, quando exortava os comunistas a defender com vigor os princípios do partido e a manter a vigilância ideológica contra o oportunismo e a capitulação covarde frente às pressões do imperialismo. Sabia que o partido é a peça fundamental de construção da nova vida. Ninguém poderia vencer o socialismo dirigido por um partido bolchevique, provado na luta de classes.

A experiência de quatro décadas na URSS demonstrou ser impossível a derrota do proletariado no poder a partir de confrontos agressivos da burguesia. A II Grande Guerra o comprovou. A experiência demonstrou também que o proletariado pode ser vencido se o partido, desarmado ideologicamente, não tiver condições de suportar o golpe traiçoeiro desferido de dentro de suas fileiras por renegados da revolução. O 20º Congresso do PCUS demonstrou isso sobejamente.

O pensamento revolucionário de Lênin tem plena atualidade. Continua vivo iluminando o caminho da revolução. Como a Lênin, cabe a todos nós, nos momentos cruciais que vive a humanidade, em especial os trabalhadores e as massas populares marginalizadas, defender a teoria revolucionária marxista-leninista espezinhada pelos revisionistas e atacada pelos serviços do capitalismo, e construir abnegadamente o partido da classe operária, que leva a consciência socialista aos trabalhadores e defende seus interesses abrindo espaços à revolução social.



Fac-símile: comunicado do governo sobre a morte de Lênin

*Presidente nacional do PCDoB



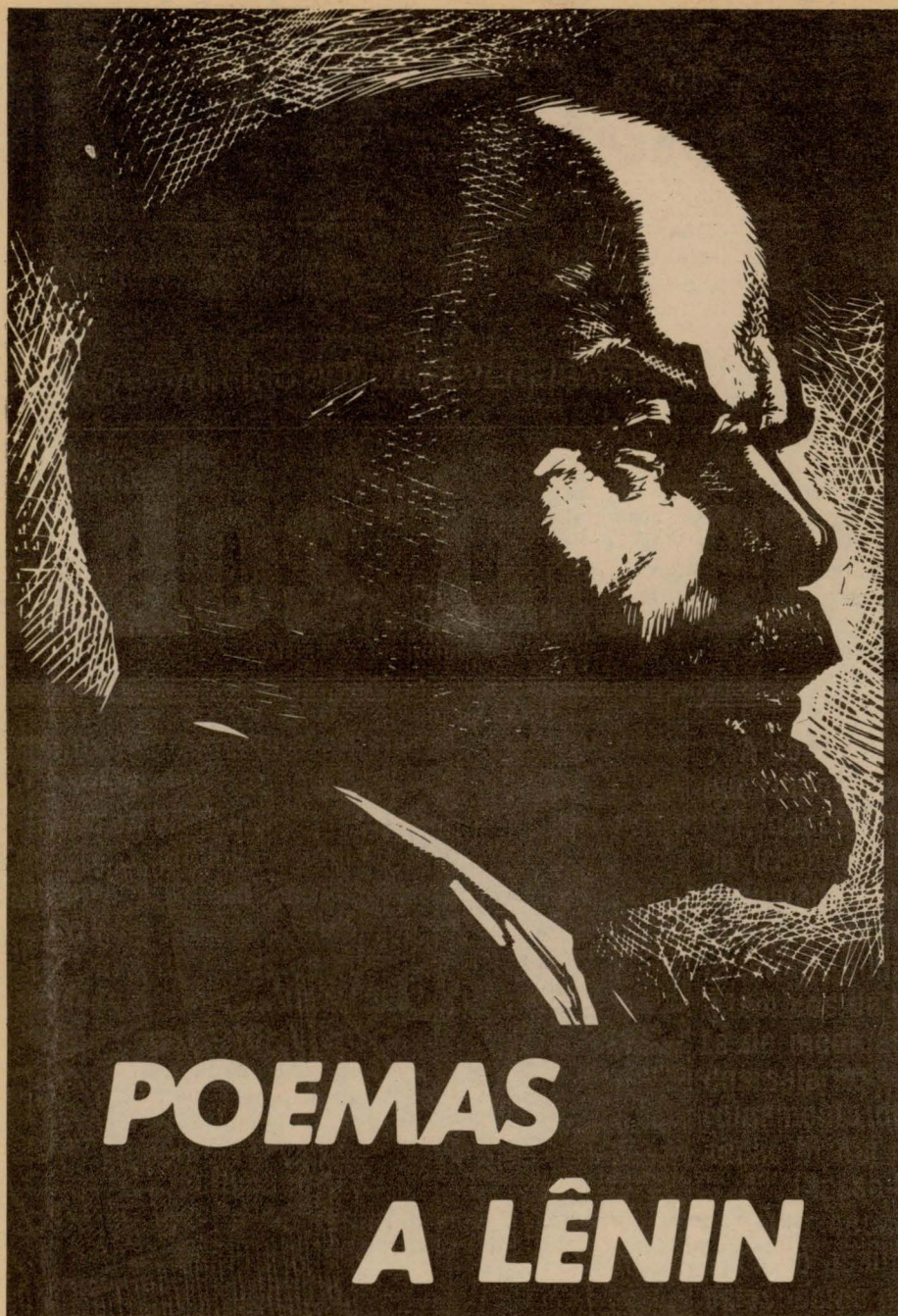
João Amazonas*

Há 65 anos, em 21 de janeiro de 1924, deixou de existir uma das mais destacadas personalidades da História — Vladimir Ilitch Lênin. O mundo do trabalho chorou a perda desse insigne revolucionário e prestou-lhe expressivas homenagens em reconhecimento à gigantesca contribuição que deu à luta pela emancipação da classe operária. O nome de Lênin ficou gravado para sempre no coração dos explorados e oprimidos, simbolizando a revolução e a esperança de um dia ser realizado o sonho libertário da edificação do comunismo.

Lênin ocupou-se com as mais variadas questões de inte-



Cortejo fúnebre na Praça Vermelha em Moscou. 27/01/24



Na passagem do 65º aniversário da morte de Vladimir Ilich Lênin, publicamos dois poemas dedicados ao gênio da revolução proletária e fundador do Estado socialista soviético. Mayakovski "conversa" com Lênin e fustiga sectários, burocratas e bêbados, enquanto Brecht conta uma história singela sobre como operários tecelões homenagearam Lênin.

Conversação com o camarada Lênin

Vladimir Mayakovski

Com tropel de assuntos
e emaranhado de fatos,
o dia pouco a pouco
à sombra se foi.
Dois no recinto
eu
e Lênin:
fotografia
na parede branca.
A boca
em tensão de discurso,
os bigodes
se adiantam
erçados;
nas rugas da testa
se condensa

o pensamento humano,
na imensa testa,
imenso pensamento.
É certo,
diante de Lênin
desfilam milhares de pessoas...
Bosques de bandeiras...
matagal de braços...
Me ergo do assento
com radiante júbilo.
Quisera
ir, saudar, informar!
"Camarada Lênin,
lhe informo,
não por dever,
mas por afã da alma.
Camarada Lênin,
trabalho infernal
está se realizando,
já se realiza.
Damos a luz,
vestimos pobres e desnudos,
cresce
a extração de carvão mineral.
E ao mesmo tempo,
junto a isto,
quanta,
quanta
merda
e quanta ignorância.

Te cansas
de defender-te,
de andar zangado.
Muitos
sem você
se perderam.
Quantos
infames
de todos os tipos
andam por nossa terra
e em torno ao nosso solo.
Não se pode
nem contar os que são
nem deles escarnecer.
Toda uma corrente
de tipos se estende.
Kulaks e burocratas,
aduladores,
sectários
e bêbados
vão, orgulhosos,
com o peito estufado,
com canetas
e insígnias aos montes.
Nós,
a todos,
sem dúvida, esmagaremos.
Mas esmagar
a todos
é sempre difícil.
Camarada Lênin,
nas fumegantes fábricas,
na terra
coberta
de neves
e de trigos,
camarada,
com vosso
coração
e vosso nome
pensamos,
respiramos,
lutamos
e vivemos!"
Com tropel de assuntos
e emaranhado de fatos,
o dia pouco a pouco
à sombra se foi.
Dois no recinto
eu
e Lênin:
fotografia
na parede branca.

Os tecelões de Kujam-Bulak homenageiam Lênin

Bertolt Brecht

Com freqüência, e generosamente
Homenageou-se o camarada Lênin.
Existem bustos
e estátuas.
Cidades receberam seu nome, e tam-
bém crianças.
Fazem-se conferências em muitas lin-
guas.
Há reuniões e demonstrações
De Xangai a Chicago, em homenagem
a Lênin.
Mas assim o homenagearam os tecelões
de Kujan-Bulak

Pequena localidade no sul do Turquis-
tão:
Lá, vinte tecelões deixam à noite,
Tremendo de febre, seu tear miserável.
A febre está em toda parte: a estação
É tomada pelo zumbido dos mosqui-
tos, nuvem espessa
Que se levanta do pântano atrás do ve-
lho cemitério de camelos.
Mas a locomotiva, que
A cada duas semanas traz água e fuma-
ça, traz
Um dia também a notícia
Que está próximo o dia de reverenciar
o camarada Lênin.
E a gente de Kujan-Bulak
Gente pobre, tecelões
Decide que também na sua localidade
será erguido
Um busto de gesso para o camarada
Lênin.
Mas quando o dinheiro é coletado para
o busto
Encontram-se todos frementes de fe-
bre, a contar
Seus copeques duramente ganhos com
mãos sôfregas.
E o guarda vermelho Stepa Gamalew,
que
Conta com cuidado e observa com ri-
gor,
Vê a disposição de homenagear Lênin e
se alegra,
Mas vê também as mãos inseguras.
E faz de repente a proposta
De com o dinheiro para o busto com-
prar petróleo
E derramá-lo no pântano atrás do ce-
mitério de camelos
De onde vêm os mosquitos
Que produzem febre.
De modo assim a combater a febre em
Kujan-Bulak, e isto
Em honra do falecido
Mas nunca esquecido
Camarada Lênin.
Assim decidiram. No dia da homena-
gem conduziram
Seus baldes amassados, cheios de pe-
tróleo negro
Um atrás do outro
E regaram o pântano com aquilo.

Eles se ajudaram a homenagear Lênin
E o homenagearam, ao se ajudar, e o
havam portanto
Compreendido.

2

Ouvimos como a gente de Kujan-Bulak
Homenageou Lênin. E quando, à noi-
te,
O petróleo havia sido comprado e der-
ramado no pântano,
Ergueu-se um homem na reunião, e so-
licitou
Que fosse colocada uma placa na esta-
ção
Com a narrativa do acontecimento,
descrevendo
Precisamente a mudança do plano e a
troca
do petróleo destruidor da febre
E tudo em homenagem a Lênin
E também isto fizeram
E colocaram a placa.